
Das redes sociais para os jornais mineiros: o BH nas Ruas,¹

Claudia Irene de Quadros ²

Felipe José de Sales ³

Resumo: Este artigo mostra a presença do conteúdo colaborativo do BH nas Ruas na narrativa de dois jornais de Minas Gerais: O Estado de Minas e O Tempo. O BH nas Ruas é um grupo criado no *Facebook* por estudantes de comunicação da UFMG para trazer informações sobre os protestos ocorridos em Belo Horizonte em 2013. O estudo foi organizado a partir de diferentes procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos. Por meio de um estudo comparativo, analisamos as informações do BH nas Ruas e, posteriormente, as encontradas nos referidos jornais. Também fizemos uma entrevista em profundidade com a gerenciadora do BH nas Ruas. **Palavras-chave:** jornalismo colaborativo; redes sociais; BH nas Ruas; O Estado de Minas; O Tempo.

Abstract: This article shows the presence of the BH in the Streets collaborative content in the narrative of two newspapers of the state of Minas Gerais. O Estado de Minas and O Tempo. The BH nas Ruas (BH in the Street) is a Facebook group created by UFMG communication students in order to bring together information about the protests that took place in the city of Belo Horizonte in 2013. The study was organized based on different qualitative as well as on quantitative methodological procedures. Through a comparative study, we analyzed the BH nas Ruas managing company was also carried on.

Keywords: collaborative journalism; networks; BH nas Ruas; O Estado de Minas; O Tempo.

O público na construção da narrativa jornalística

A construção da narrativa jornalística conta cada vez mais com o público, que pode participar de todo o processo de produção de uma notícia. No início

1 O artigo foi apresentado no Encontro da SBPJor em novembro de 2014.

2 Claudia Irene de Quadros, professora da UFPR, tem pós-doutorado em Comunicação Digital pela Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.

3 Felipe José Sales é formado em jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, Este artigo apresenta resultados da pesquisa para sua monografia, orientada pela professora Claudia Quadros.

dos anos 2000, estudos sobre o jornalismo participativo já descreviam experiências sobre essa inversão de papéis entre produtores e consumidores da notícia. (QUADROS, 2005). Até mesmo as empresas dos meios de comunicação tradicionais, como o *Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, entre outros, vem procurando abrir espaços para a participação do público. Agora nos interessa saber como as mídias emergentes, que conquistam seguidores em pouco tempo, são percebidas pelos jornais de grande circulação. Neste artigo, mostramos a presença do conteúdo colaborativo do BH nas Ruas na narrativa de dois jornais tradicionais de Minas Gerais: O Estado de Minas e O Tempo, que pertencem ao Grupo Diários Associados e a Sempre Editora, respectivamente. Essas empresas de comunicação são responsáveis pela edição dos jornais populares Aqui BH e Super Notícias. Na trilha percorrida para esta pesquisa também buscamos compreender o próprio processo de produção colaborativo do BH nas Ruas, página do Facebook criada por estudantes de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais.

A participação do público tem sido foco de interesse não apenas da academia, mas por vários setores da sociedade que procuram desenvolver estratégias para incentivar a produção de conteúdo. A interação com o público, facilitada com o acesso aos dispositivos tecnológicos, tem enriquecido as narrativas das mais diferentes mídias. Para Fábio Malini e Henrique Antoun, “a narrativa compartilhada é sempre permeada de histórias paralelas, idas e vindas, de agregações de sentido, de confrontos de personagens (perfis) que só faz alastrar as ambiências que o fato é vivido, transformado e tornado público”. (MALINI e ANTOUN, 2013, p. 197).

Neste artigo, nosso enfoque é a narrativa construída a partir da relação estabelecida entre o público, seus meios criados na internet e os jornais tradicionais de Minas Gerais. É preciso investigar como esta interação tem influenciado a construção da narrativa jornalística, sobretudo com as diferentes visões de mundo geradas com o fenômeno participativo. Para Axel Bruns (2005) o leitor/produtor assume o quinto poder na sociedade quando questiona e

fiscaliza o trabalho realizado por jornalistas. E para exercer esse poder surgem diversas mídias independentes.

O jornalismo da segunda década do século XXI vive a época da explosão de mídias independentes, que buscam mostrar o lado dos fatos que os grandes veículos midiáticos não conseguem ou não querem relatar. Aqui resgatamos a cobertura dos manifestos de junho de 2013 feita nas redes sociais digitais. Nesse período, uma onda de protestos eclode pelo Brasil em solidariedade às manifestações de São Paulo por melhores condições no transporte público e pelo passe livre. Em Belo Horizonte, os protestos começaram inspirados no movimento paulistano “Tarifa Zero”. Logo, os manifestantes da capital mineira também passaram a protestar por outros problemas, como corrupção e descaso com a educação e a saúde.

Direto das manifestações, ocorridas em várias cidades brasileiras, as pessoas, jornalistas ou não, passaram a descrever o protesto no *Facebook* e/ou no *Twitter*. Do local do fato, elas mostravam o que acontecia nas ruas sem o filtro dos meios convencionais. Dois exemplos da mídia independente, que tiveram bastante repercussão nas redes sociais digitais, foram a Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) e o BH nas Ruas. Neste artigo, observamos o BH nas Ruas, criado por alunos do curso de comunicação social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 16 de junho de 2013 - dia que antecederia uma das maiores manifestações na capital mineira. Ainda analisamos O Estado de Minas e O Tempo para verificar de que forma o conteúdo colaborativo do BH nas Ruas foi utilizado nesses dois jornais de Minas Gerais.

Narrativas que transformam o jornalismo

São muitas as formas de contar uma história. Neste artigo nos limitamos a refletir sobre as narrativas das mídias conectivas. Como lugar de fala de inúmeras vozes, as narrativas das mídias conectivas são conhecidas como a mais

nova produção cultural da contemporaneidade. Edson Dalmonde (2012), que destaca que a narrativa do jornalismo se constitui como lugar de articulação de discursos sociais, aborda esse fenômeno:

Ao assumirmos que a mídia, em especial o jornalismo, ocupa um papel central na organização e circulação dos discursos sociais na atualidade, deparamo-nos com a nova realidade propulsão pela emergência das redes sociais, que permitem a inserção do cidadão em contextos discursivos. Ao invés de um mero consumidor de notícias, o indivíduo passa a produtor e agente de circulação de conteúdos. (DALMONTE, 2012, p. 3).

Há mais de uma década, Cremilda Medina (2003), afirmava que o jornalismo não encontrou uma “fórmula mágica” que o configure como uma instância que paute e comunique o cotidiano. Desde a comunicação sindical e comunitária até a grande imprensa, as narrativas expostas por estes meios têm deixado seus consumidores frustrados com suas coberturas jornalísticas (MEDINA, 2003). Hoje, os meios convencionais têm aberto espaço para dar voz ao cidadão através das redes sociais digitais, mas com limitações que impedem a sua participação em todas as etapas do processo de produção de uma notícia que acabam por continuar frustrando seus leitores/produtores.

Por outro lado, os lugares para a divulgação de notícias se ampliam na internet. Para Malini e Antoun (2013), a narrativa noticiosa, antes atrelada aos grandes veículos de comunicação, pode ser observada em muitos espaços na internet. As produções são feitas de forma articulada, coletiva e cooperativa, configurando-as como mídias de multidão. E o produto final é exibido a um público específico e de forma livre, que também serve de mídia para outros públicos.

Malini e Auntoun (2013) ainda argumentam que as redes sociais digitais deram uma cara nova a narrativa on-line, com sua capacidade de acrescentar informações a um tópico ou de poder compartilhar informações formando uma rede de colaboradores denominada de midialivrismo ciberativista.

[...] o midialivrismo ciberativista reúne experiências singulares de construção de dispositivos digitais, tecnológicos e processos compartilhados de comunicação, a partir de um processo de

colaboração social em rede e de tecnologias informáticas, cujo principal resultado é a produção de um mundo sem intermediários da cultura, baseada na produção livre e incessante do comum, sem quaisquer níveis de hierarquia que reproduza exclusivamente a dinâmica de comunicação um-todos. (MALINI e ANTOUN, 2013, p.21).

Desse modo, o midialivrista – uma espécie de hacker das narrativas – compartilha visões diferentes das geradas pela grande mídia. A partir dessas narrativas, o compartilhamento proporciona manifestações sobre um determinado fato que estão carregadas de sentidos. (Malini e Antoun, 2013). Logo inferimos que o midialivrismo tem dificuldade de divulgar uma informação isenta de opiniões, apesar de ampliar as vozes no próprio jornalismo desenvolvido pelos meios convencionais. Para Dalmonte, essas narrativas disponibilizadas nas redes sociais digitais não devem ser confundidas com o jornalismo propriamente dito, pois o que se vive neste momento é um grande número de informações disponibilizadas pelos novos suportes tecnológicos (Dalmonte, 2010). Mas essas narrativas podem contribuir para que o leitor construa a sua própria visão sobre um determinado fato. Neste artigo definimos o jornalismo colaborativo como a possibilidade do cidadão interagir e ajudar na construção da narrativa jornalística. Desse modo, o jornalismo colaborativo só existe quando cidadãos e jornalistas participam da produção, construção e divulgação da notícia, tornando as fronteiras entre leitor e produtor bastante tênues.

O poder das redes sociais digitais fez o jornalismo repensar a participação do público que antes era limitada a cartas, telegramas, telefonemas e e-mails. Inúmeros exemplos de jornais colaborativos surgiram na internet e foram estudados por diversos pesquisadores, como BRUNS, 2005; GILMOR, 2005; QUADROS, 2005; SANTOS, 2007; FONSECA e LINDEMANN, 2007; TRASEL, 2007. A proposta do jornalismo participativo sempre foi a de descentralizar das mãos da grande mídia a emissão de notícias, uma vez que a narrativa noticiosa pode ser construída por múltiplas vozes. Nestes espaços há “uma negociação entre os integrantes e cada ação tem impacto sobre a relação e comportamento

dos mesmos”, segundo Fonseca e Lindemann (2007).

Da pesquisa e do perfil do BH nas Ruas

Esta pesquisa foi organizada com diferentes métodos de pesquisa para compreender a interferência das redes sociais digitais na construção e na percepção do real por parte de interagentes do BH nas Ruas e da sua presença nos jornais O Estado de Minas e O Tempo. Observamos o conteúdo da página do BH nas Ruas⁴ no Facebook com base na análise organizacional proposta por Arquilla, J.; Ronfeldt, D (2001) citados por Antoun, H.; Malini, F, (2013). Por isso, foram considerados os seguintes aspectos: o design organizacional, a narrativa da história, o doutrinário dos métodos e estratégias de colaboração, o tecnológico dos sistemas de informação em uso e o social dos vínculos pessoais que asseguram a lealdade e a confiança. Além disso, foram feitas comparações de posts com matérias dos portais dos jornais Estado de Minas e O Tempo.

Para analisar o objeto foram coletados materiais publicados de 16 de junho a 1º de julho de 2013, período que compreende desde a criação da página, cuja data coincide com final da Copa das Confederações no Brasil. Também foram analisados seus conteúdos e capturados os prints dos títulos de 18 matérias do portal do jornal Estado de Minas e 19 do portal do jornal O Tempo. As matérias foram localizadas através do sistema de busca disponíveis nos portais estudados com as seguintes palavras-chave: protestos junho 2013 BH; manifestações junho 2013 BH; ocupa câmara BH.

As capturas das matérias ocorreram entre os dias 10 e 11 de junho de 2014. A análise das matérias consistiu em verificar o uso de fontes colaborativas que seriam identificadas possivelmente pelo nome do colaborador ou a palavra internauta; uso de fotos ou vídeos com os referidos créditos do produtor; uso de material divulgado na página do “BH nas Ruas”. Tal procedimento foi fundamental para verificar a importância dada às mídias independentes.

⁴ A URL do BH nas Ruas: <https://www.facebook.com/BHnasRuas?fref=ts>.

Perfil e processo de produção do BH nas Ruas

A página do BH nas Ruas foi criada em 16 de junho de 2013 por estudantes do curso de Comunicação da UFMG. Atualmente, segundo a representante e gerenciadora Isabella Lucas (2014), a página é administrada por 20 membros. Em entrevista exclusiva para Felipe Sales, ela descreve procedimentos, estratégias de colaboração e vínculos pessoais da página.

Em 22 de julho de 2014 a página tinha 95.193 curtidas e a maioria delas eram de moradores de Belo Horizonte. Os jovens de 18 a 24 anos são maioria entre os seguidores do BH nas Ruas. O seu perfil no Facebook traz a seguinte descrição: “cobertura colaborativa das manifestações populares em Belo Horizonte. A revolução será filmada por você. #bhnasruas”.

Figura 1. Página “Quem somos” do BH nas Ruas no Facebook, junho de 2014.



Os membros são estudantes das habilitações em Jornalismo e Publicidade da UFMG, mas qualquer pessoa pode colaborar com a página usando a hashtag #bhnasruas ou enviando material por e-mail ou mensagem inbox do Facebook. O trabalho de postagens na cobertura de junho de 2013 foi por meio de escala rotativa. Num dia parte da equipe saía para as ruas para acompanhar as manifestações e a outra permanecia na base⁵ para receber e

⁵ Assim é identificada a redação do BH nas Ruas por seus membros e, por esse motivo, também vamos incorporar o termo ao longo do texto.

filtrar as informações para a postagem, no dia seguinte havia um revezamento das funções. Os membros do BH nas Ruas se comunicavam por WhatsApp, aplicativo de mensagens multiplataforma.

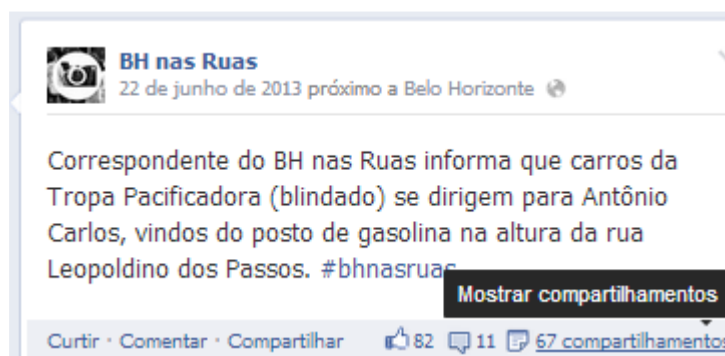
O fato da maioria dos membros ser estudante de Comunicação Social contribuiu para que o processo de produção da notícia fosse semelhante ao de uma redação jornalística. A informação sobre um determinado acontecimento chegava por meio de e-mail e/ou mensagem inbox no Facebook. Imediatamente membros que estavam na rua recebiam a mensagem por WhatsApp e logo verificavam se as informações enviadas por colaboradores eram verdadeiras. Em caso positivo, entravam em contato com a base e, logo, um post sobre o fato era publicado na página BH nas Ruas. De acordo com Isabella Lucas, o posicionamento da página foi considerado. Os amigos e/ou conhecidos, que não estavam vinculados à página BH nas Ruas, eram consultados para confirmar uma informação.

No Facebook é o público quem faz o veículo comunicacional, como apontam Malini e Antoun (2014). As informações na timeline dependem das narrativas construídas pelo dono da página, de seus amigos e das mídias adicionadas para seguir. Diante desse fenômeno crescente das redes sociais digitais, as mídias convencionais também aderiram ao Facebook. Mas as mídias independentes parecem ganhar mais visibilidade, pois são dirigidas a um público específico.

(...) As redes sociais operam dentro de uma esfera pública midiática curiosa: não é o veículo de comunicação que constitui o público, mas o público quem faz o veículo comunicacional. A conversação do público constitui o meio. O DNA das redes sociais é o perfil convertido em autor coletivo interconectado com os outros. Então, nas redes sociais, a priori, não há espectador (e se houver será rechaçado como aquele que espia: o stalker), mas uma comunidade de parceiros em conversa numa *timeline*, gerando um efeito de sobreposição discursiva no regime da economia de atenção. Sua base é a fala transformada nos “muitos que narram a partir da ocupação do mundo”. (MALINI e ANTOUN, 2013, p. 214).

Ao acompanhar o processo coletivo de produção da timeline BH nas Ruas observamos que os seus membros foram os construtores de uma narrativa informal dirigida na maioria das vezes aos próprios manifestantes. Os posts traziam fotos em tempo quase real da manifestação e grande parte deles com caráter de serviço, como o publicado em 22 de junho de 2013.

Figura 2: narrativa para um público específico.



Sobre a interação com os usuários por meio dos comentários, Isabella Lucas afirma que a equipe evitava comentar oficialmente os fatos. Os administradores, que possuíam o anonimato, podiam comentar. No entanto, nunca em nome da página BH nas Ruas. “A página não podia ficar comentando oficialmente, porque senão virava uma discussão.” (LUCAS, 2014). Em casos excepcionais a equipe comentava, mas tomava alguns cuidados. Na morte de Douglas Henrique de Oliveira Souza, que caiu do viaduto em Belo Horizonte durante as manifestações do dia 26 de junho de 2013, o nome do rapaz foi omitido. A atitude provocou reações do público que questionava porque a equipe do BH nas Ruas não colocava o nome de Douglas. “(...) Nós colocamos a sigla. (...) Optamos por não colocar o nome dele, em respeito a ele, a família e amigos (...)” (IDEM). Lucas prossegue com outros exemplos:

Teve outra vez que postamos sobre uma assembleia que estava tendo na FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG) com os professores da história e da comunicação. Foi uma assembleia muito legal, inclusive porque tinha alunos ocupando a reitoria e o reitor queria tirar eles de lá, acabou virando uma coisa só, era um protesto sobre: “Como assim a PM pode entrar na UFMG?”. E na linha de frente do auditório tinha uma travesti, a Lili, houve vários comentários, como “Aquele traveco ali no meio”, “O traveco ficou na

primeira fila”. Tivemos que comentar: “Não toleraremos nenhum tipo de preconceito, inclusive a transfobia...”. Quando era comentário ofensivo, começamos a ocultar. Nunca sobre algo que não concordávamos, mas quando era ofensivo mesmo (LUCAS, 2014).

A questão do anonimato visto por Lucas como uma solução é relativizada por Gilmor (2005). Ele afirma que apesar do anonimato ser uma das grandes virtudes da internet, ele também pode ser um dos grandes defeitos. Afinal, a credibilidade das informações não é apenas um resultado de argumentos inteligentes, mas também de dar a cara por eles, isso quando não existe motivo para se manter o anonimato.

Na entrevista com Isabella Lucas também abordamos o midialivista como uma espécie de hacker da narrativa, como apontado anteriormente. Lucas explica por que o BH nas Ruas gera visões diferentes de um fato e do noticiado pelas grandes organizações:

É porque nosso perfil é totalmente diferente, a cobertura da mídia tradicional é uma, a nossa é outra. A nossa parte de quem está dentro da manifestação, uma visão de dentro pra fora, a da mídia tradicional de fora pra dentro, ela julga conforme os filtros dela, os interesses mercadológicos, não temos interesse mercadológicos, nunca quisemos ganhar dinheiro, isso é uma coisa que difere bastante. Desde o início já vai cada um para um lado, porque o interesse mercadológico muda totalmente a informação. Então, por exemplo, a mídia tradicional busca informações oficiais, a gente não quer saber de fontes oficiais, nós partimos da premissa da experiência, não precisa ser polícia, bombeiro, para dar uma informação correta. Temos o cuidado de verificar tudo. É bem diferente. Porque eles já entram na manifestação com uma visão com muito pré-conceitos, sempre que vão falar de bandeiras, já falam com toda uma carga de conceitos que eles têm sobre isso, e tentamos nos desvencilhar disso (LUCAS, 2014).

A linguagem informal, observada em quase todos os posts, pode ser vista como uma forma de estabelecer conexão com o público jovem e, assim, incentivar a sua participação. Como ocorre em quase todos os meios emergentes também foram encontrados posts publicados originalmente em meios de comunicação convencionais que marcam as diferenças das narrativas. Estudos anteriores mostram que a blogosfera tende a replicar notícias da grande imprensa para ajudar a divulgar a informação e/ou para criticar a maneira como

um fato foi coberto pelos jornalistas. (HOLANDA, QUADROS, PALACIOS e SILVA, 2008). No depoimento da gerenciadora do “BH nas Ruas” observamos que apesar de negar a cobertura dos meios convencionais, Lucas demonstra que os criadores da página tentavam preservar os princípios do jornalismo ao postar informações sobre as manifestações de 2013.

Se os posts dos membros do BH nas Ruas e de seus colaboradores são mais informais, as notícias dos grandes meios de comunicação mantêm, muitas vezes, nas redes sociais digitais a formalidade na cobertura dos fatos.

O BH nas ruas nos jornais de maior circulação de Minas Gerais

Na observação dos jornais procuramos contrastar essas narrativas e, principalmente, verificar a presença do BH nas Ruas em dois jornais Minas Gerais: O Estado de Minas e O Tempo. No primeiro deles analisamos dezoito matérias e dezenove no segundo. No momento da análise consideramos o uso de fontes colaborativas, de fotos ou vídeos com os referidos créditos do produtor e de material divulgado na página do BH nas Ruas. As matérias foram encontradas por meio de palavras-chave em sistemas de busca disponíveis nos próprios portais.

No jornal Estado de Minas apenas uma matéria mencionou a palavra internauta e apenas duas utilizaram material do BH nas Ruas. Houve ainda uso de material produzido por manifestantes, mas sem créditos. Já no jornal O Tempo também apenas uma matéria mencionou a palavra internauta e em três foram utilizados material do BH nas Ruas. As demais apenas citam informações de eventos sobre as manifestações encontradas no Facebook. Neste artigo, destacamos apenas as matérias que trazem conteúdo produzido em redes sociais digitais (ver quadros 1 e 2).

Quadro 1: O Estado de Minas e suas vinculações com as redes sociais.

P	O	et	Título da matéria	Data publicação	Material colaborativo?
----------	----------	-----------	--------------------------	------------------------	-------------------------------

	Protesto e pancadaria marcam estreia da Copa das Confederações. Relembre conflitos	18 de junho	Há uma foto identificada como sendo do <i>Facebook</i> no infográfico.
	Manifestantes vão lutar pela redução das passagens e passe-livre estudantil	18 de junho	O Facebook é citado apenas como informação.
	Jovem que caiu de viaduto permanece internado. Em vídeo, PM diz “ele não estava rezando”.	18 de junho	Por meio do Twitter internautas informaram o que havia acontecido. Há um vídeo identificado como sendo da internet, sem citar a fonte.
	Belo Horizonte tem novo dia de manifestações	19 de junho	Fotos e vídeos são de manifestantes, mas sem créditos.
	Manifestantes param Belo Horizonte pelo quarto dia consecutivo; acompanhe o protesto	20 de junho	Uma foto do BH nas Ruas, reconhecida por ter a logo da página. Fotos e vídeos feitos por manifestantes, sem créditos.
	Acompanhe as manifestações em Belo Horizonte neste sábado	22 de junho	Uma foto do BH nas Ruas; fotos e vídeos feitos por manifestantes, sem créditos.
	Jovem morre e 15 ficaram feridos na manifestação em BH	27 de junho	Há um vídeo, sem créditos ou fonte.
	Protesto é mostrado ao vivo pela PósTV	27 de junho	Cita o <i>BH nas Ruas</i> , mas o enfoque é na PósTV de Minas Gerais.

Fonte: Felipe Sales, 2014.

O quadro 2 mostra o conteúdo colaborativo das redes digitais no jornal O Tempo. Traz mais material colaborativo que O Estado de Minas (quadro 1), mas a forma como utiliza este tipo de fonte também é discutível. A maioria das vezes não há créditos ou fonte em ambos os jornais. As fotos do BH nas Ruas são identificadas pela logomarca desenvolvida por seus membros.

Quadro 2: O Tempo e suas vinculações com as redes sociais. Felipe Sales, 2014.

	Título da matéria	Data	Material colaborativo?
Portal do O Tempo		Publicação	
	Manifestantes prometem protesto nesta segunda em BH e manual para orientação é publicado	16 de junho	Cita eventos no Facebook e as orientações sobre como se comportar nas manifestações oriunda de outra página.

Protesto em BH tem adesão de 20 mil pessoas, bombas de gás, balas de borracha. Confrontos e feridos	17 de junho	Cita apenas uma vez que manifestantes usavam redes sociais para repassar informações, mas usa como exemplo um cantor de nome Makely Ka que divulgou informações em seu perfil pessoal.
Novas manifestações em Belo Horizonte estão marcadas desta terça a sábado	18 de junho	Cita apenas eventos do Facebook.
Manifestantes mostram registro que comprovam a ação truculenta da PM nos protestos em BH	18 de junho	Cita vídeos e fotos compartilhados por internautas, sem créditos; não há material do BH nas Ruas.
Após protestarem em mais três pontos da capital, manifestantes retornam à praça Sete	19 de junho	Cita apenas o evento no Facebook..
Vídeo mostra policiais descumprindo ordem e atirando em manifestantes em BH	19 de junho	Relata que vídeo circula nas redes sociais, mas não diz qual, sem créditos.
Manifestantes distribuem balas aos motoristas em BH	20 de junho	Há uma foto do BH nas Ruas, reconhecida pela logo.
BH contabiliza prejuízos após noite de depredações	23 de junho	Cita apenas imagens de internet como provas contra vândalos, sem créditos.
Internautas já organizam manifestações para quarta-feira em Belo Horizontes	24 de junho	Cita eventos no Facebook e as orientações para se protegerem e filmar o protesto.
Manifestantes procuram se organizar para próximo protesto em BH	24 de junho	Cita eventos no Facebook e três (03) postagens de pessoas confirmadas sem dizer a qual evento pertencem; cita pontos levantados para próxima manifestação e que estes estão sendo compartilhados nas redes sociais.
PósTV mostra, ao vivo, as manifestações em todo o Brasil	26 de julho	Menciona apenas o a PósTV e uso #PósTV.
Jovem que caiu de viaduto durante as manifestações morre no HPS João XXIII	26 de junho	Cita apenas ao final evento no <i>Facebook</i> .
Assembléia Popular define nova manifestação para o fim de semana	27 de junho	Cita apenas o evento no Facebook sobre a assembleia.
Após 13 horas na Câmara dos Vereadores, manifestantes votam a continuidade da ocupação.	29 de junho	Uma foto do BH nas Ruas, reconhecida pela logo.

	Pelas redes sociais manifestantes acampados na Câmara de BH pedem doação para manter movimento.	1º de julho	Uma foto do BH nas Ruas, reconhecida pela logo; cita as redes sociais como plataforma para pedidos.
--	---	-------------	---

Fonte: Felipe Sales, 2014.

Apesar das diferenças apontadas entre as narrativas dos meios emergentes e dos convencionais, percebemos algumas semelhanças com a cobertura jornalística, como o processo de coleta da notícia. Assim como no jornalismo profissional, a apuração foi valorizada antes da publicação de uma notícia. As mídias convencionais, que tentam buscar a pluralidade de vozes, realmente são tímidas quanto ao uso das informações das redes sociais digitais.

Quando questionada em entrevista para esta pesquisa sobre o poder do BH nas Ruas, a gerenciadora da página disse que os seus criadores jamais pensaram que seriam tão procurados. O objetivo era apenas organizar informações e repassá-las ao público. Quando o número de seguidores passou a crescer, os criadores da página começaram a fazer análises diárias sobre o conteúdo postado e os acontecimentos, ampliando a filtragem das informações devido à heterogeneidade do público (LUCAS, 2014).

A narrativa compartilhada que atua dentro das redes sociais digitais, sobretudo com relação às manifestações e ao “BH nas Ruas”, pode ser vista como uma resposta às narrativas impostas pela grande mídia que projetam uma imagem para causar no espectador a impressão de que essa representação está imersa no mundo real. No entanto, mesmo que algumas pesquisas não encarem as narrativas colaborativas como o próprio jornalismo do ponto de vista da notícia, elas merecem ser estudadas. Afinal, são nestes espaços que “obtemos as nossas metáforas que ‘nos une’, as paixões que supostamente compartilhamos, o contorno geral da arquitetura da sociedade, as narrativas mestras com as quais somos disciplinados” (LATOUR, 2012). Portanto, é preciso estar atento às pequenas narrativas que demonstrem as experiências de vida e que nos conectam.

Considerações Finais

A grande mídia influencia e também é influenciada pelos novos meios. Gilmor, em 2005, alertava que os meios de comunicação convencionais tentariam controlar, por meio de seus governos, as mídias emergentes. No entanto, as práticas e as estratégias utilizadas por essas mídias têm cativado o público que agora procura outros meios para compreender um fato. Esse fenômeno tem crescido na internet e vem transformando o modo de fazer jornalismo.

Os meios convencionais adotaram nos últimos anos algumas plataformas para tentar dialogar com o público, mas a maioria das vezes há apenas um espaço para o leitor deixar a sua opinião sobre as notícias que publicam. A mídia emergente tem falado para um público específico, explorando narrativas para se aproximar cada vez mais do leitor/produtor. Como resultado, ganham a atenção e a participação desse público. Para Malini e Aountoun (2013), os indivíduos estão cuidando de si nas narrativas diária de comunicação distribuída.

A participação do público nas redes sociais digitais foi fundamental para as manifestações de junho de 2013, a ponto de os meios convencionais a reconhecerem como uma mobilização social que surgiu na internet e levou muitas pessoas para as ruas preocupadas com problemas sociais, econômicos e políticos. Os jornais mineiros analisados nesta pesquisa trouxeram conteúdos colaborativos de diversas redes sociais digitais, inclusive do BH nas Ruas. Mas a maioria das vezes, as fontes eram mencionadas apenas como de um grupo do Facebook. Talvez, a ideia fosse evitar a promoção de determinada página nas edições dos jornais de maior circulação de Minas Gerais. Nas mídias emergentes, no entanto, os meios convencionais são citados frequentemente. Nelas, os créditos no BH nas Ruas estão em todos os conteúdos reproduzidos.

Outro ponto importante para destacar é que os meios convencionais têm colocado mais conteúdo à disposição do público na internet com a mudança de consumo da informação, mas as práticas para a inserção de seus conteúdos

devem considerar algumas características do jornalismo digital: a instantaneidade, a interatividade e a memória. O BH nas Ruas teve êxito na cobertura das manifestações das ruas em junho de 2013, soube conquistar a atenção do público e conseguiu explorar essas características citadas. As notícias, numa linguagem informal, eram publicadas quase no mesmo instante em que aconteciam. A informalidade também contribuiu para incentivar a participação do público, que fez do BH nas Ruas uma base de dados para recuperar a memória da cobertura das manifestações #vempararua de 2013. Essas qualidades cativaram os seguidores do BH nas Ruas e fez com que os meios convencionais reproduzissem seus conteúdos mesmo que identificado de forma equivocada. Nesse sentido, inferimos que os meios devem explorar as múltiplas fontes disponíveis hoje e estudar como as narrativas podem incentivar o público que consome mais de um meio ao mesmo tempo.

Todavia será difícil manter o equilíbrio entre estes meios, pois o que está em jogo, é transformação do tratamento da notícia, passando de um modelo com hierarquia vertical para uma informação mais democrática. Mas as empresas de comunicação precisam acompanhar essas transformações, que abrem novas perspectivas para as narrativas diárias. Observar a participação do público nas redes sociais digitais pode ser um dos primeiros passos, pois nelas a conversação é distribuída de forma descentralizada.

O antigo público tem o papel mais importante nesta nova era: os cidadãos têm de ser (...) activos das notícias, não mero consumidores. A Net deveria ser o aliado do pensamento e da subtileza, não um impulsionador de reações primárias. Um cidadão informado não fica à espera de mais do mesmo. Tem de exigir melhor e tomar parte numa conversa mais alargada. Perderemos muito se tal não vier acontecer (GILMOR, 2005, p. 229).

O fenômeno do jornalismo colaborativo tem como uma de suas premissas ampliar o número de vozes para tornar-se mais democrático. Isabella Lucas (2014), gerenciadora do BH nas Ruas, destacou que a página no Facebook foi criada para registrar a voz de quem não tinha vez nos meios convencionais. Apesar disso, ela também conta que no início erraram bastante dando muito

espaço para fontes oficiais. De certo modo, essas narrativas são na verdade uma aspiração ao status de autor da própria história ou de uma história coletiva, construída de forma sutil, complexa e afetuosamente comunicativa, que tenta iluminar em meio ao caos da contemporaneidade alguma esperança de ato emancipatório (MEDINA, 2003).

Os veículos convencionais já perceberam a força das redes sociais digitais e, aos poucos, tentam reproduzir no jornalismo ações semelhantes às executadas nas mídias emergentes, como blogs, microblogs e outras plataformas que dão voz a um público que por muito tempo teve sua voz abafada. Com o estudo do BH nas Ruas e a sua presença nos meios convencionais também percebemos a influência dos meios convencionais no processo de produção de uma notícia ou na avaliação de um fato publicado. Afinal, toda mídia influencia e é influenciada por qualquer forma de comunicação. As manifestações nas redes sociais digitais ganham cada vez mais força e demonstram que o jornalismo tenta rever práticas para se aproximar mais do público.

Referências

- ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **@ internet e # rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**, Porto Alegre: Sulina, 2013.
- ARQUILLA, John; RONFELDT, David. **Networks and netwars: the future of terror, crime and militancy**. Santa Monica: RAND, 2001. Disponível em http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1382.html. Acesso em: 14 de junho de 2014.
- BRUNS, A. **Gatewatching: Collaborative Online News Production**. New York: Peter Lang Publishing, 2005.
- DALMONTE, Edson. Discurso e mobilização social no contexto das tecnologias interativas: a emergência de múltiplas esferas argumentativas. **Revista Comunicação Mídia e Consumo**. São Paulo: ESPM, V9, número 24, 2012, p 13-31.
- DALMONTE, Edson Ferreira. Narrativa jornalística e narrativas sociais: Questões acerca da representação da realidade e regimes de visibilidade. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; HOHLFELDY Antonio; MARTINO Luiz C.; MORAIS Osvando J. de, (Org.). **Teorias da Comunicação: trajetórias Investigativas**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010, p. 215-232.

-
- FONSECA, V. P. S.; LINDEMANN, C. Webjornalismo participativo na Internet: repensando algumas questões técnicas e teóricas. In: **Revista da Famecos**, n. 34. Porto Alegre, dez. 2007, p. 86-94.
- GILMOR, Dan. **Nós, os media**. 1ª ed., Lisboa: Presença, 2005.
- HOLANDA, A. ; QUADROS, C. I. ; PALACIOS, M. ; SILVA, J. A. B. . Metodologias de Pesquisa em Jornalismo Participativo no Brasil. In: PALACIOS, Marcos; NOCI, Javier Díaz. (Org.). **Metodologias para o Estudo dos Cibermeios. Estado da Arte & Perspectivas**,. 1ed.Salvador: UFBA, 2008, v. 1, p. 261-278.
- LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- LUCAS, Isabella. Entrevista concedida ao aluno Felipe José de Sales, Ouro Preto, 2014.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente, narrativa e o cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- QUADROS, Cláudia. A Participação do Público no Webjornalismo. **Revista da E-Compós**, número 4, dezembro de 2005, disponível em <[www.compos.com.br/ e-compos](http://www.compos.com.br/e-compos)>. Consulta em 17/07/2014.
- SANTOS, Marielle Sandalovski. **A arte narrativa na rede das redes: Quando o jornalismo digital se aproxima do novo jornalismo**. Dissertação (mestrado). Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens, Curitiba, 2007.
- TRÄSEL, Marcelo. **A pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções no Wikinews e Kuro5hin**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Programa de pós-graduação em comunicação e Informação, 2007.